

Emil Nolde, Crucificação, 1912.

Sexta-feira Santa

JÁ PASSEI FASES MAIS crentes e fases menos crentes: mas, mesmo no período da minha vida em que em afastei mais do cristianismo, a Sexta-feira Santa nunca foi um dia como outro qualquer. É um dia sagrado para mim: um dia diferente de todos os dias do ano. Os meus pensamentos, claro está, estão colados ao homem que pregaram na cruz há quase 2000 anos; homem que, independentemente de tudo e de todos e para lá de religiões e de igrejas, rege e orienta a minha vida interior.

Hoje penso nas razões que o levaram àquele lugar de execução. Penso no bem que ele fez na curta vida que teve. Penso no bem que continua a fazer a todos nós que nos interessamos por saber quem ele foi. E penso, como sempre, que o mundo seria tão diferente se todos puséssemos, de facto, em prática a sua mensagem de amor e de paz.

Mas o amor não é fácil; e a paz, muito menos. Tanto o amor como a paz exigem confrontos intransigentes connosco mesmos; exigem confrontos incómodos com os outros. Não é por acaso que o homem que trouxe a lei do amor também disse que viera para trazer a espada: a espada que corta a direito em tudo o que é hipocrisia e mentira. É cortante exigirmos a verdade a nós mesmos; já para não falar de a exigirmos aos outros.

Jesus foi crucificado na década de 30 do século I. No início da década de 30 do século I a.C., um poeta que escreveu sobre uma nova era de paz que estaria para vir (e sobre um jovem que morreu e subiu ao céu) interrogou-se sobre o amor. No latim de Vergílio, a frase diz-nos «*quis enim modus adsit amori?*» (Bucólica 2.68), o que pode significar «que medida haveria para o amor?» ou «que limite haveria para o amor?»

Pergunta a que o homem pregado na cruz teria dado resposta segura: não existe medida nem limite para o amor.

No entanto, essa é a resposta de alguém que é tido como Deus encarnado. A pergunta, vista da perspectiva humana, é mais difícil: para nós, humanos, a palavra latina «*modus*» aponta para a dificuldade humana em amar. «Que jeito haveria para o amor?» Ou então: «Será que o amor tem jeito?»

Como amar o próximo como a mim mesmo? Como praticar o amor para com pessoas que me desagradam, que me suscitam censura, tédio e repúdio? E, mais difícil ainda: como praticar, em toda a verdade, o amor para com as pessoas que eu amo de verdade?

O homem que foi pregado na cruz, numa sexta-feira que nunca iremos esquecer, disse: «Nisto se reconhecerão todos que sois meus discípulos, se amor tiverdes entre

vós» (João 13:35).

Amor que é a sua própria finalidade, como se vê na mais extraordinária duplicação de uma frase final em toda a literatura grega: «dou-vos um novo mandamento,

PARA QUE vos ameis uns aos outros, tal como eu vos amei, PARA QUE também vós vos ameis uns aos outros» (João 13:34).

Amar com a finalidade única de amar. Só e mais nada.

FREDERICO LOURENÇO. Escritor, tradutor e professor universitário.

Texto publicado na sua página do Facebook (15.04.2022)



a Paixão de Cristo na basílica da Sagrada Família



O artista catalão **JOSEP MARIA SUBIRACHS**, autor do conjunto sobre a Paixão de Cristo esculpido numa das fachadas da basílica da Sagrada Família, em Barcelona, morreu esta terça-feira, 8 de abril, aos 87 anos. Estudante da Academia das Belas Artes em Barcelona entre 1951 e 1953, permaneceu depois em Paris e Bruxelas. Trabalhou durante mais de vinte anos no templo expiatório de GAUDÍ.

O arquiteto JORDI FAULÍ, atual responsável pelas obras na catedral,

redigiu no dia a seguir à morte do escultor um artigo que foi publicado no jornal *La Vanguardia*, de Barcelona: **«Foi um privilégio colaborar com ele».**

«A sua última obra – recordou – foram as portas do Pai-nosso; tinha um estúdio no interior da Sagrada Família e era habitual para nós vê-lo na obra às primeiras horas da manhã, sempre cordial e disponível com os operários e com todos nós, correto e generoso».

«Duras e retilíneas, não sem momentos de grande doçura», as esculturas de Subirachs, que não reuniram a unanimidade, exprimem bem o drama do sacrifício e da morte», acrescentou Jordi Faulí.



- 1 - Última Ceia 2
- Judas e as moedas 3 - Porta do Getsémani 4 - Pedro e os soldados 5 - Beijo de Judas 6 - Serpente 7 - Portas do Evangelho 8 - Alfa e Ômega 9 - Flagelação 10 - Galo 11 - Negação de Pedro 12 - Labirinto 13 - Porta do coroação 14 -

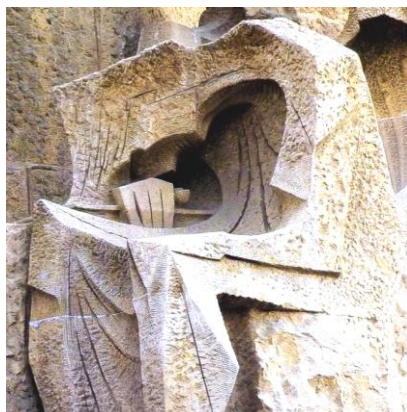
- Ecce Homo 15 - Juízo de Pilatos 16 - Águia romana 17 - Pilatos lava as suas mãos 18 - Três Marias e Cireneu 9 - Verónica 20 - Evangelista 21 - Soldado 22 - Soldados jogando aos dados as vestes de Jesus 23 - S. João, Maria, Maria Madalena 24 - Crucificação 25 - Vêu rasgado 26 - Enterro

Jesus momentos antes de anunciar aos apóstolos
que um deles o haveria de trair



Última Ceia de Jesus com os doze apóstolos

A figura de S. João expressa uma
tristeza profunda





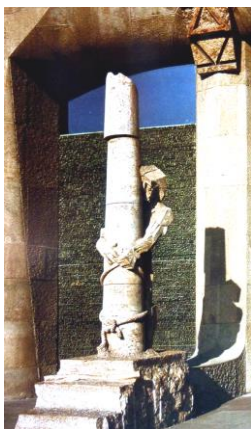
Beijo de Judas; no canto inferior direito, junto ao apóstolo, uma serpente, animal bíblicamente associado à tentação e ao mal

Os 16 algarismos que compõem este criptograma permitem 310 combinações que somam 33, idade de Cristo ao morrer

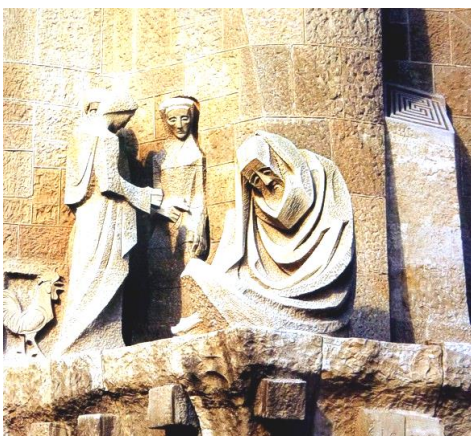
1	14	14	4
11	7	6	9
8	10	10	5
13	2	3	15



O cão, símbolo da fidelidade, opõe-se à serpente



Flagelação: Jesus está atado a uma coluna dividida em quatro partes, simbolizando os quatro braços da Cruz e o desmoronamento do mundo antigo. Os três degraus representam os dias da Paixão e Morte

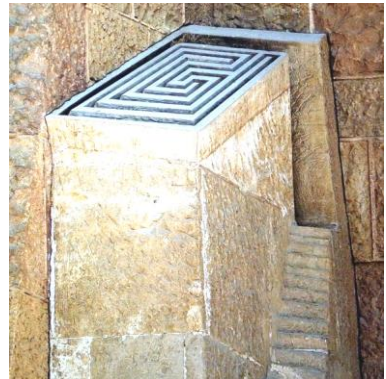


Apóstolo Pedro, acusado de ser seguidor de Jesus, nega conhecê-lo

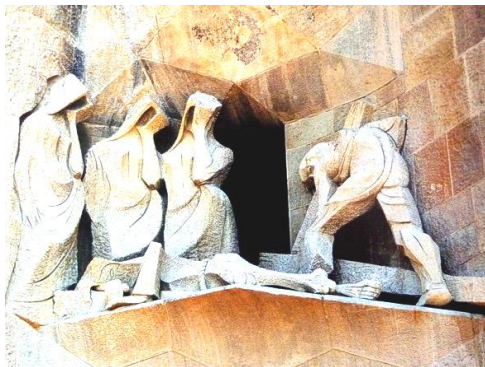


A terceira negação de Pedro, o galo cantou

Labirinto simboliza o caminho de Jesus até à cruz e o inexorável caminho da vida até à morte

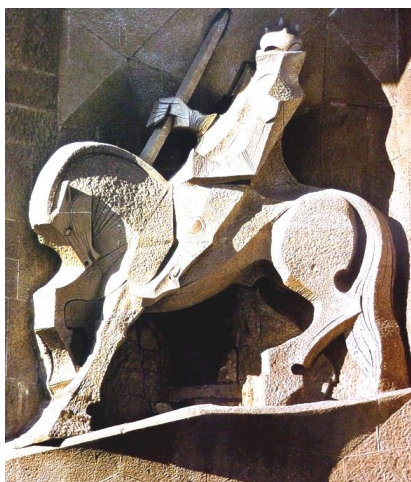


«*Ecce Homo*» («Eis o Homem»): o governador Pilatos apresenta Jesus aos sumos-sacerdotes e seus servidores, depois de o ter mandado flagelar; na cabeça de Jesus, uma coroa de espinhos imposta pelos soldados; no lado direito, uma águia - símbolo do Império Romano - encima a coluna que inclui o nome de Tibério, imperador de Roma aquando da morte de Jesus



Mãe de Jesus, Maria de Magdala e Maria, mãe de Tiago e José (três Marias), juntamente com Simão de Cirene, que levou a cruz de Jesus no caminho para a morte quando Ele sucumbiu ao esforço

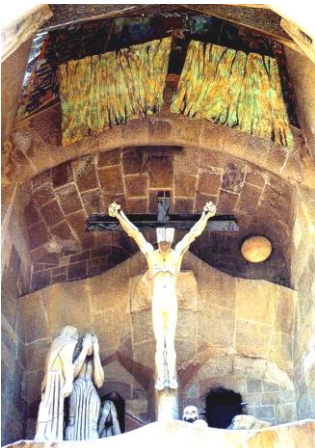
Verónica enxuga o rosto de Jesus; o rosto da mulher não tem contornos dado que Verónica não aparece nos Evangelhos



Soldado atravessa com a espada o lado de Jesus crucificado

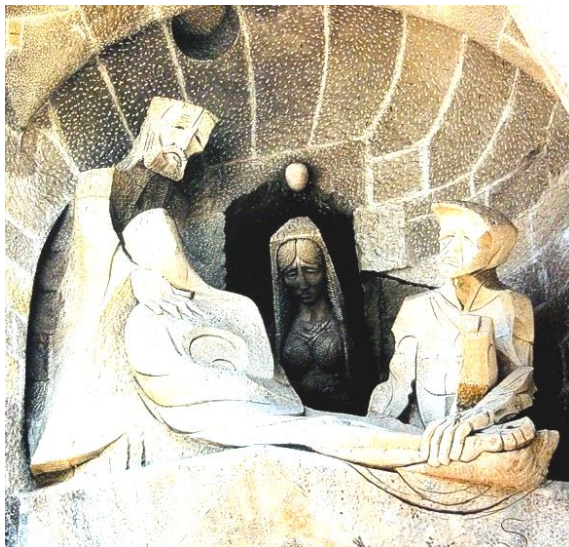


Soldados jogam aos dados a túnica de Jesus. Os capacetes são inspirados em motivos criados por Gaudí em casas de Barcelona



Crucificação de Jesus; em cima, o véu rasgado do templo de Jerusalém

José de Arimateia
sustém o corpo de
Jesus, enquanto
Nicodemos - cujo
rosto se assemelha
ao de Subirachs -
unge-o com mirra e
aloés



EM 1989, O ESCULTOR **JOSEP SUBIRACHS** (1927-2014) começou a trabalhar na Fachada da Paixão do Templo Expiatório da Sagrada Família, em Barcelona. O projecto respeitou os elementos desenhados em 1911 pelo autor do conjunto, **ANTONI GAUDÍ**.

O artista catalão apresenta a história da Paixão de Cristo desde a Última Ceia até à Morte, da esquerda para a direita e de baixo para cima, seguindo o trajeto de um “S” que se começa a traçar pela base.

SUBIRACHS

Foto: Sagrada Família

O trabalho de **SUBIRACHS**, que despertou grande controvérsia, opta por ângulos, linhas e perfis muito marcados, valorizando os volumes das roupas e o esquematismo dos corpos. Alguns dos elementos do conjunto inspiram-se em algumas das obras civis de **GAUDÍ**.



As imagens foram obtidas pelo padre jesuíta **MANUEL CARREIRA**. Todas foram tiradas a partir do nível do solo. A luz é sempre solar, sem iluminação artificial. As fotografias não foram objeto de modificações informáticas. Os textos são assinados por **RICARD LOBO**.

Texto sobre morte de Subirachs: *L'Osservatore Romano* / Fotografias a cores: *El Templo de La Sagrada Familia*, ed. Triangle Postals / Texto e imagens a p/b sobre a fachada da Paixão: *Sagrada Família: La façana de ponent*, ed. Mediterrània 09.04.14
A PAIXÃO DE CRISTO NA BASÍLICA DA SAGRADA FAMÍLIA: EM MEMÓRIA DE JOSEP MARIA SUBIRACHS | Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura (extractos).

http://www.snpcultura.org/paixao_Cristo_basilica_sagrada_familia_em_memoria_josep_subirachs.html